

CHÁ Prédio reinaugurado após reforma que durou 17 anos receberá visitantes aos domingos, com feira de cultura e lazer

Preservar o Casarão é nova meta

ELIANE JOSÉ

Pouco depois de abrir a porta principal de uma relíquia arquitetônica e histórica praticamente sem similar no Brasil, o ceramista Akinori Nakatani não vacila. Pés e cabeça na realidade, ele centra atenção no futuro do Casarão do Chá, no Bairro do Cocuera. "O que me preocupa é daqui para frente, a preservação do Casarão, restaurado ele está, mas não podemos deixar que a energia gasta se perca, por falta de uso. O futuro precisa ser bem planejado, para que tudo tenha valido a pena", disse.

Desde que decidiu zelar pelo bem tombado como patrimônio nacional, ao lado da família e dos integrantes da Associação Pró-Casarão do Chá, nascida em 1996, a economicidade nas palavras não se deveu apenas à dificuldade com o português. Nakatani, nascido em Osaka, no Japão, viu pouquíssimas portas e bolsos se abrirem para a captação dos R\$ 1,2 milhão gastos ao longo dos últimos 17 anos no projeto de restauro e na delicadíssima obra de recuperação da antiga fábrica de chá, construída nos anos 1940 pelo carpinteiro Kazuo Hanaoka [1899-1950] - nesta época apenas as famílias de sobrenome Kasha e Abe cultivavam a especiaria na Cidade.

Ele encontrou respaldo em instâncias governamentais, no aporte financeiro do Grupo Gerdau, que possui fábrica e um centro de distribuição em Mogi, e num enxuto grupo de apoiadores, como a arquiteta Ana Maria Sandim, que assina o projeto ao lado de Akemi Higioka e Frederico Zamerato [as duas primeiras, como voluntárias], e integrantes da Associação Casarão do Chá, criada em 1996.

"A comunidade japonesa ficou um pouco afastada, mas contamos com os governos do Estado (por meio do ProAc - Programa de Ação Cultural) e Federal (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional - Iphan)", afirma, ratificando outras declarações sobre essa luta quase solitária, e registrada em ampla cobertura feita por este jornal ao longo das quatro últimas décadas, antes da desapropriação do prédio e entorno, realizada pelo governo do prefeito Antonio Carlos Machado [1983-1989].

Essa vocação para a resistência poderá ser determinante para a performance e manutenção vindoura do espaço reaberto domingo, com uma exposição de artes e um painel com fotos e informações sobre a trajetória da antiga fábrica, o fechamento e o declínio do espaço, que estava fadado a ruir assim como ocorreu com o conjunto arqui-



DE PERTO Visitantes acompanharam antontem a reinauguração do Casarão do Chá, no Bairro do Cocuera, que ficou 17 anos em reforma

tetônico antigo da região central mogiana.

A realização da Feira de Cultura e Lazer aos domingos, com quase três dezenas de barracas de arte, artesanato, pratos doces e salgados, frutas, flores e animais é chamariz para atrair o público. À par disso, uma programação de mostras e exposições deve projetar o lugar, um registro físico das relações surgidas como o entrelaçamento das culturas japonesa e brasileira.

A agenda de exposições começou com a 1ª Mostra Sul Americana do Miksang Institute of Contemplative Photography, com obras canadenses, e seguirá, em agosto, com uma mostra de ceramistas, e, em setembro, com a reunião de mestres e alunos de escolas de arte de Mogi e Região. "Será preciso manter o Casarão vivo", preocupa-se Nakatani, cioso da necessidade de bem usar para preservar o prédio.

No final da década de 1980, arquitetos e especialistas temiam pelo desabamento da fábrica transformada em depósito. O prédio possui dois pavimentos, maquinário antigo, e apêndices preciosos, como a flora e fauna do entorno, a poucos metros da Mogi-Bertioga; e a sustentação da estrutura feita por eucalipto tratado. As paredes foram construídas em taipa de mão, como reza a cartilha de tradição construtiva japonesa. "Essa técnica japonesa, que possui uma forma orgânica, geométrica, é o que mais me atrai", resume Nakatani, sem medo de ferir egos outros.

Restauração emociona família

Uma fotografia em preto e branco emociona a empresária e ex-radialista da Rádio Marabá, Sumie Terahara, moradora de Arujá, uma das 12 filhas do carpinteiro japonês Kazuo Hanaoka, na imagem, com dois anos. "Para a nossa família, reconhecer que essa construção feita pelo meu pai é um patrimônio nacional do Brasil é motivo de orgulho, muito orgulho", compartilha.

Ela e os irmãos Hanaoka não tinham esperança de viver o domingo de antontem. "Eu preciso ser sincera, do jeito que nós vimos no passado, esse casarão, descuidado, prestes a cair; hoje, vê-lo assim, parece um sonho", conta, delegando a Akinori Nakatani a paternidade do sonho realizado.

"O mérito todo é do senhor Nakatani, que está devolvendo uma construção ao Município, ao País. Eu sinceramente não tinha esperança de ver o Casarão assim". Sumie tinha dois anos na fotografia recuperada pela Associação Pró-Casarão do Chá. "Nós viemos do Noroeste paulista para o papai construir a fábrica", lembrou-se.

Outro descrente que destacou a persistência dos reconstrutores era o ex-vereador Sethiro Namie, que mostrava à neta, Renata, estudante de Arquitetura, detalhes como as janelas recuperadas. A família de Namie era proprietária do Casarão e das terras ao redor dele. "Eu

não tinha condições de fazer isso. E poderia até parecer que ia agir em interesse próprio. A partir da desapropriação, me mantive distante. Hoje, é uma honra acompanhar essa reabertura e ver a determinação do Nakatani".

Nami diz possuir documentos antigos, e recuperou a importância do agrônomo Fukahi Furihata, que administrava a Fábrica de Chá Tokyo, nos anos

40, então pertencente à Sociedade Hatakura Gomei Kaisha, com sede no Japão. "Além da Gomei Kasha, quem cultivava o chá era a família Abe, no Caputera", inscreveu.

Histórias como essas eram entoadas na manhã dominical de céu encoberto, mas com rasgos de azul, que reuniu centenas de pessoas, turistas e ciclistas na solenidade de abertura do Casarão do Chá. (E.J)

Feira e exposições são apostas

A agenda de exposições e a Feira de Cultura e Lazer são apostas da Associação Casarão do Chá e da Coordenaria de Turismo de Mogi para dar visibilidade e atrair visitantes ao endereço, aos domingos. Um grupo de 30 agentes turísticos de São Paulo conheceu as dependências do espaço na reabertura, antontem. Esse viés foi bem anotado pelo produtor de aqui, Takeo Hoçoya, que participou da primeira edição da feira. "O turismo é um tendência mundial e o projeto tem tudo para dar certo no Cocuera",

afirmou, acrescentando que as características culturais e rurais podem alavancar os negócios.

O Bairro que já foi predominantemente ocupado por famílias de produtores japoneses vive dias de despedidas. "Os filhos dos donos das propriedades, agora, são médicos, dentistas. Os pais não têm mais idade e força para seguir com as produções", sentença, afirmando que as áreas são arrendadas a terceiros ou se mantêm improdutivas.

Algumas, como a dele, contam com um e/ou outro filho,

Nakatani, o mais novo Cidadão Mogiano

Aos 71 anos, Akinori Nakatani recebeu no domingo, durante a reabertura do Casarão de Chá, o título de Cidadão Mogiano. Em um correto discurso, o ceramista radicado em Mogi desde 1974 contou que quando começou a cuidar da recuperação do espaço, o imaginava pronto, com exposições acontecendo e muitas pessoas o visitando. Agradeceu aos apoiadores (governos Federal, do Estado e Municipal), Gerdau e arquitetos Akemi, Frederico e Ana Sandim. "Sem esses voluntários, isso não seria possível. Agora, o Casarão está aberto".

O prefeito Marco Bertaiolli (PSD) destacou a perseverança e o empenho de Nakatani e da Associação Pró-Casarão do Chá, e os resultados positivos de intervenções da comunidade. "A comunidade quis recuperar o Casarão e conseguiu, com auxílio do Estado, mas por mérito do trabalho comunitário. Um exemplo para Mogi, que com esse momento, aprende com o passado, entende o seu presente, e consegue planejar o futuro". Ele prometeu abrir uma agenda de visitas ao espaço, franqueada às escolas municipais.

Participaram autoridades como o deputado federal Junji Abe (PSD), o presidente da Câmara, Protássio Ribeiro Nogueira (PSD), e outros vereadores; além dos cônsules do Japão, Hiroaki Sano, e da Bélgica, Didier Vanderhasselt. (E.J)